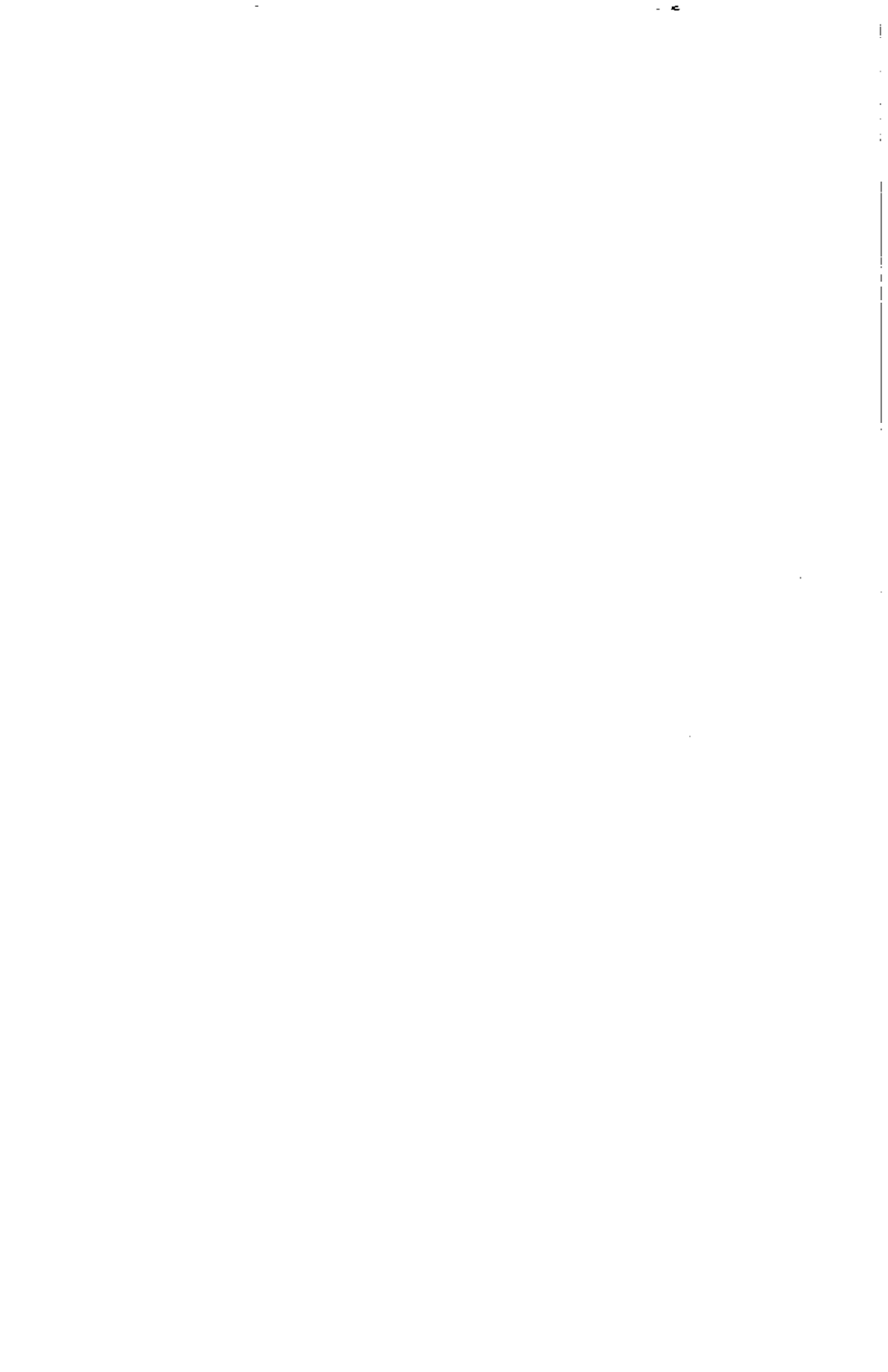
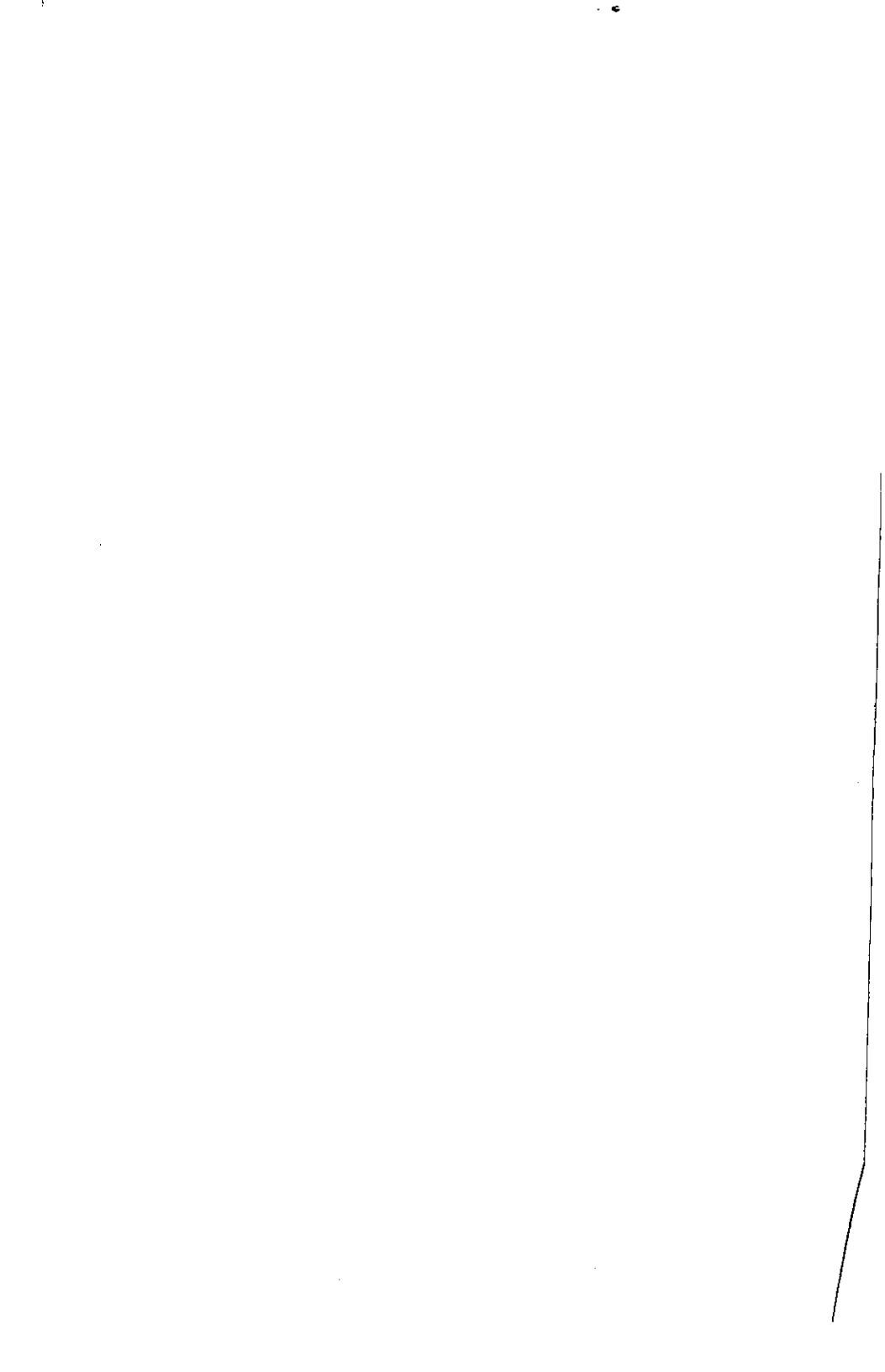


*A menina-avó
e os seus
almanaques*

Mário Souto Maior



*A menina-avó
e os seus
almanaques*



MÁRIO SOUTO MAIOR

*A menina-avó
e os seus
almanaques*

Goiânia
KELPS
2001

© 2001 Mário Souto Maior
Avenida Getúlio Vargas, 963
53030-010 OLINDA, PERNAMBUCO, BRASIL
MsM Web Site
<http://www.soutomaior.eti.br/mario>
mario@soutomaior.eti.br

Capa e Projeto Gráfico
Jan Souto Maior
jan@soutomaior.eti.br

Digitação
Lis Souto Maior
sintonia@elogica.com.br

Printed in Brasil
Impresso no Brasil

FOI FEITO O DEPÓSITO LEGAL

SOUTO MAIOR, Mário; *A menina-avó e seus almanaques*. Recife: 20-20
Comunicação e Editora, 2001.

84 p

1 - Literatura Brasileira - Crônicas; 2 - Título

CDU 869.0 (81) - 94

Para

Eno Theodoro Wankie

e

José Calasãns

— na eternidade



SUMÁRIO

- A menina-avó e os seus almanaques, **9**
A palavra e a liberdade, **13**
Aborto voluntário, **17**
Adeus, amiga!, **19**
E a família?, **21**
Educação: ontem e hoje, **25**
Era o Capiroto, em pessoa, **29**
Legendas de caminhão, **31**
Letra de médico, **33**
Manezinho Araújo: sucesso, saudade e mágoa, **37**
Mulher, cachaça, terra, **45**
Outros nomes poucos comuns, **49**
Primeiro de abril: o Dia da Mentira, **53**
Reflexões sobre o carnaval, **55**
Respondendo a uma carta, **59**
Sobre a identidade brasileira, **63**
Sogra faladeira, braba, etc., **67**
Tabu: uma herança muitas vezes milenar, **71**
Um estado de espírito chamado velhice, **73**
Uma alemã pesquisa o folclore nordestino, **75**
Vamos industrializar a nossa água-de-coco? **77**



A menina-avó e os seus almanaques

Era uma vez uma menina que, além de brincar com suas bonecas e fazer *cozinhado* com suas primas e amigas, também era muito carinhosa, gostava muito de ler, de saber das coisas, de encontrar respostas para suas mil perguntas. E, todo fim de ano, ela ia às farmácias do lugar onde estava morando para pedir os almanaques do ano, nos quais encontrava receitas culinárias, cartas enigmáticas, pensamentos, curiosidades de toda natureza, pequenas biografias de brasileiros ilustres, poesias, lendas, provérbios, noções de astronomia (as fases da lua, o começo das estações, etc.), o calendário com os santos do dia, além de muitas outras informações sobre os mais diversos assuntos.

A menina lia os almanaques que eram carinhosamente guardados com todo cuidado. É que, no seu tempo, só existia uma revista infantil chamada *O Tico-Tico*, difícil de ser encontrada principalmente nas cidades do interior.

E a menina curiosa se fez moça, mulher, esposa, mãe, sogra, avó, o que não mudou em nada, os cuidados e o carinho dispensados à coleção de almanaques que era um pedaço de sua infância, de sua vida.

Outro dia a menina, já avó, me visitou na Funda-

ção Joaquim Nabuco, em companhia de uma de suas filhas, com uma sacola, contendo sua coleção de almanaques que me foi presenteada. Foi um régio presente, não resta a menor dúvida, mas, reconhecendo a preciosidade do seu presente, pedi logo seu consentimento no sentido de doá-lo à biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco onde os almanaques serão úteis a milhares de pessoas, entre as quais estudiosos e pesquisadores.

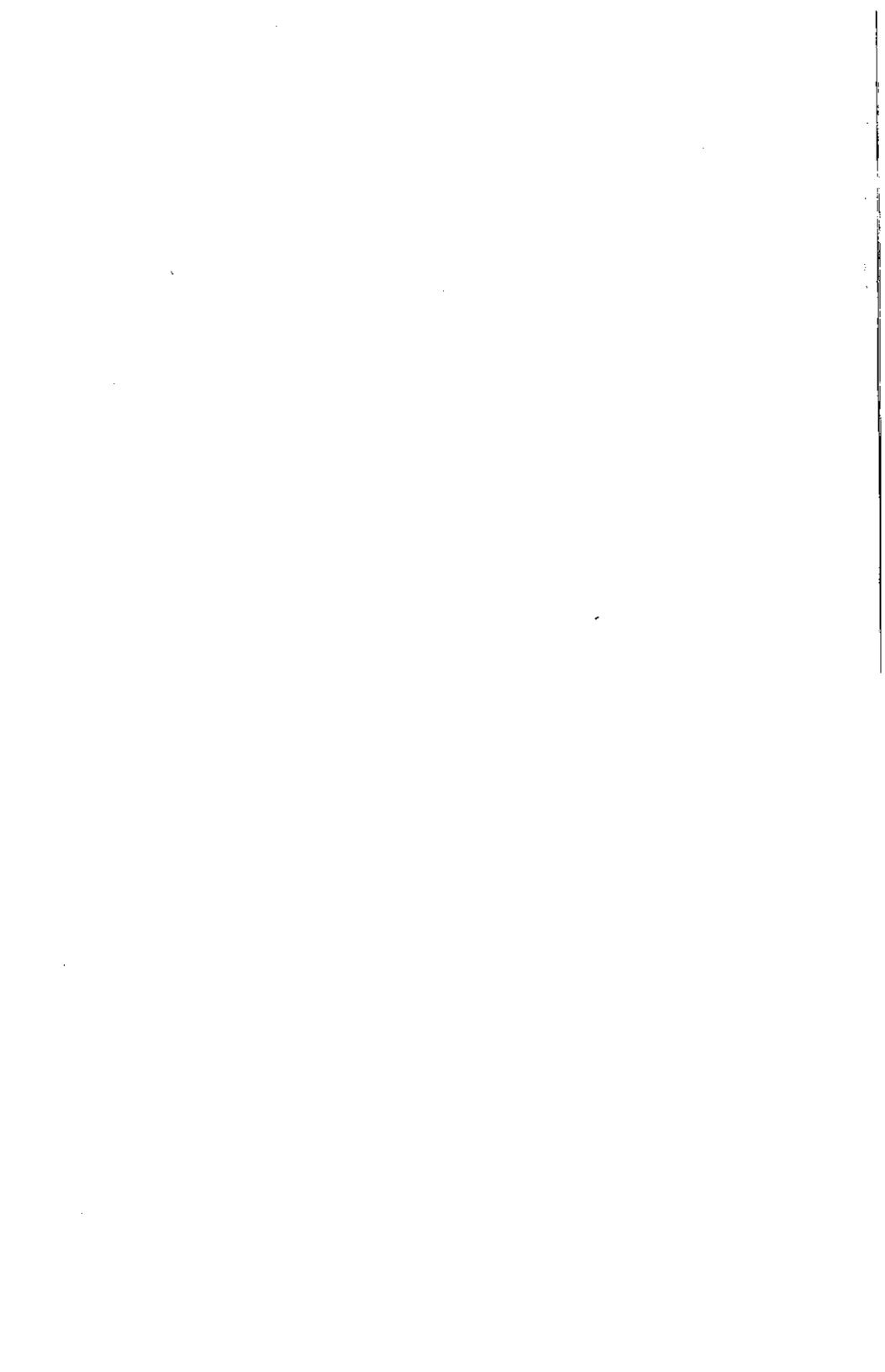
Constam da coleção e se encontram à disposição dos interessados os almanaques do *Elixir Prata* (1953), do *Elixir Brasil* (1940), *Almanaque Siam* (1937), *Almanaque Raul Leite* (1938), *Almanaque Fosfotoni* (1951), *Almanaque Mururé* (1939), *Almanaque Dr. Schilling* (1965), *Almanaque Sadol* (1968), *Almanaque Zivi* (1965), *Almanaque Atuaia* (1948), *Almanaque do Elixir de Nogueira* (1940), *Almanaque Rossi* (1938, 1939, 1941 e 1943), *Almanaque Saúde da Mulher* (1930, 1940, 1943, 1945, 1949, 1951 e 1974), *Almanaque Parisquina* (1939, 1940, 1941), *Almanaque Nestlé* (1939, 1940, 1941 e 1953), *Almanak de Bristol* (1940, 1941, 1942, 1945, 1946 e 1947), *Almanaque Guaraira* (1940, 1941, 1948 e 1950), *Almanaque Elixir de Inhame* (1940, 1942, 1950, 1956, 1957 e 1958), *Almanaque Cabeça de Leão* (1939, 1941 e 1942), *Almanaque Beirão* (1944, 1946 e 1947), *Almanaque Biotônico Fontoura* (1961, 1966, 1968, 1974, 1979, 1980 e 1985) e outros.

Vejam que curiosidade interessante eu encontrei no *Almanaque Bristol* - 1942. "O automóvel foi previsto nas Sagradas Escrituras. No versículo 4, capítulo XI, da profecia de Nahum, lê-se: "Os carros correrão em fúria pelas estradas. Ultrapassarão uns aos outros em rapidez. Brilharão como tochas. Correrão como relâmpagos".

O nome da menina curiosa que acaba de prestar um excelente serviço à cultura brasileira é dona Hele-

na Moura, daqui do Recife. Esteve aqui comigo, deu-me o presente e foi embora, sem deixar seu endereço, seu telefone, razão pela qual não foi possível convidá-la para a exposição de seus almanaques aqui, na Fundação Joaquim Nabuco, no dia 23 de agosto, quando comemoramos o Dia do Folclore.

Em meu nome e no dos pesquisadores, mais uma vez, agradeço o presente e, mesmo sem nenhuma procuração, também agradeço em nome da Fundação Joaquim Nabuco, a quem passei o presente, uma beleza da doação que dona Helena Moura fez, desfazendo-se da lembrança de um pedaço de sua infância.



A palavra e a liberdade

Acredito que o mundo da palavra ainda não tenha sido completamente estudado, pelo menos no que diz respeito ao último dos enfoques ora mencionados que poderá não ter o devido embasamento cientificamente lingüístico, mas que tem que ser considerado pelo simples fato de existir. É que a palavra, escrita ou falada, vive no seu cosmo sujeita às leis ambientais, com seus segredos, suas sutilezas, seus significados até mesmo antagônicos variando de região e de conformidade com a entonação da pessoa que está falando.

A língua portuguesa falada no Brasil talvez seja a mais rica em tais sutilezas, principalmente do falar popular, quando, por exemplo, encontramos uma mesma palavra contida em várias expressões comuns ao povo com os mais diferentes significados como no caso do vocábulo boca (à boca da noite, a rir a boca, bate boca, boa boca, ser uma boca aberta, boca de fumo, boca de chupar ovo, boca de lobo, boca de praga etc.), pé (dar no pé, na ponta dos pés, a pé, arrastar o pé, fazer finca pé, meter os pés pelas mãos etc.), cabeça (cabeça de cheia, ser o cabeça, cabeça de revolução, cabeça de prego etc.) e tantas outras. E as palavras que mudam seu significado de uma região para outra, como no caso de descansar, que no país todo quer dizer repousar e morrer e, no Nordeste, antagonicamente, também significa dar à luz?

Há palavras que exercem um verdadeiro fascínio quando pronunciadas, como amor, carícia, música,

mulher. Umas, são tristes como saudade, morte, despedida. Outras, são alegres como festa, dança, criança. Há as que doem, como ingratidão, desprezo, infâmia. Será que possa existir palavra mais fria do que ouro, dinheiro, morte?

No mundo maravilhoso da palavra também vamos encontrar as que têm semelhança com seu próprio significado. Borboleta, é uma delas, quase onomatopaica no que se refere ao bater de suas asas. Outra? Serrote, cujos dentes lembram montes, serras, serrotes. Tem outras: sussurro, mar, nuvens.

Há, também, as que não têm nenhuma semelhança com seu significado: caneta (cá+neta), caminho (caminho grande), caolho (o olho de cá?) Carrapato (o carro do pato?).

E as palavras bonitas? A mais bonita delas é, sem nenhuma dúvida, liberdade, que lembra o vôo de um pássaro no horizonte sem fim, sem estradas nem caminhos para percorrer, o nascer do sol para todos.

Além de ser uma das palavras mais bonitas de todas as línguas, liberdade é um sentimento que se conquista às custas de muita luta, muito sacrifício, muito sangue derramado. Trata-se de um direito muito difícil de ser conceituado, de ser definido e o pior de tudo é que nem todas as pessoas sabem onde começa e onde termina seu direito à liberdade. Há até os que confundem liberdade com liberalidade. Há os que abusam da liberdade, que deve ser exercida sem prejudicar ou ferir os direitos de outrem.

Outro dia eu regressava do trabalho e sintonizei uma estação de FM no rádio do carro, uma estação que sempre primou pela excelência de sua programação. Depois de tocar algumas músicas, o locutor deu início à transmissão de um quadro que, à primeira vista, pareceu ser bastante interessante: qual a pior situação em que você se encontrou em toda a sua vida? Três mocinhas telefonaram, respondendo a pergunta:

1. "A pior situação em que eu me encontrei na minha vida foi no dia em que eu fui fazer amor com meu namorado na cama do meu pai e ele flagrou"; 2. "...foi no dia em que entrei, por engano, no sanitário dos homens e me deparei com um rapaz com **a coisa** na mão e ele saiu correndo atrás de mim" e 3. "...foi no dia em que fui **fazer sexo oral** com o meu namorado e meu pai nos pegou na melhor."

Há liberdade de imprensa, de televisão, de rádio, de tudo. Acontece que essa liberdade tem um limite, isto é liberdade vai até onde não prejudique o direito das pessoas. Se eu quiser ver um filme pornô, tudo bem; eu compro um ingresso e vou ao cinema, onde encontro todas as pessoas que estão também querendo assistir a um filme pornô. Se eu quiser ler um livro pornô, tudo bem; vou à livraria, compro o livro e, na minha casa, sem incomodar ou prejudicar ninguém, eu vou ler o livro que adquirir com meu dinheiro, a mesma coisa acontecendo com o teatro, **inferninho**, etc. Mas as ondas hertzianas entram na casa da gente sem a gente saber o que elas vão comunicar. E não é justo que relatem ou falem de taras sexuais, principalmente se na casa das pessoas moram crianças. Daí, minha pergunta: essas pessoas estarão sabendo usar a liberdade na área da comunicação?

Aborto voluntário

Quando o espermatozóide encontra o óvulo no útero da mulher acontece a vida, a mais maravilhosa das invenções da natureza. A mulher se transforma em deusa, em mãe. E ser mãe é a sublimação da mulher.

Ser mãe não implica somente na definição coelhonetiana. "É desdobrar o coração, fibra por fibra. Ser mãe é padecer no paraíso". Ser mãe significa, também, amor, dedicação, noites e mais noites de vigília ao pé do berço quando o filho está doente. Ser mãe é transferir todos os direitos que a mulher tem em benefício do filho, para que nada lhe falte. É aconselhar, é mostrar o caminho certo, é educar, sentir os problemas do filho, as suas aflições, as suas desilusões. Ninguém conseguiu, até hoje, dizer o que uma mãe é capaz de fazer pela felicidade de seu filho, gerado nos momentos de amor.

Agora, pergunto eu, alguém tem o direito de exterminar essa vida, no começo? E a resposta é, sem nenhuma sombra de dúvida, ninguém. Se a mulher provoca, de sua livre e espontânea vontade, o aborto, está cometendo o mais hediondo dos crimes, qual seja o de tirar a vida do seu próprio filho.

Caminho a seguir? É ter o filho, ficar com ele ou entregá-lo a uma entidade para que seja adotado por uma mulher impossibilitada de gerar vidas. Mas abortar, nunca, porque mesmo que o filho seja de um estranho, a mulher é a mãe e ninguém tem o direito de

matar um ser humano muito menos sendo o seu próprio filho.

Haverá algum caso em que o aborto seja necessário? Apenas no caso de a mulher ter em seu ventre um filho portador de uma anomalia orgânica como, por exemplo, a comprovação médico científica de que o mesmo não tem cérebro. Um ser humano sem cérebro não sei como iria viver.

E o que fazer para que uma família de baixa renda, de parcas condições econômicas, tenha que limitar sua prole? A solução reside no uso de anticoncepcionais ou observando o ciclo de fecundação da mulher. No caso, não houve o encontro do espermatozóide com o óvulo no útero da mulher e, conseqüentemente, não houve o começo de uma vida.

Sou, assim, contra o aborto voluntário sem nenhuma motivação orgânica, praticado por mulheres que ainda não pensaram ou não compreenderam que, assim fazendo, estão cometendo o mais hediondo dos crimes, qual seja o de tirar a vida de um filho gerado em suas entranhas.

Adeus, amiga

Numa noite de verão tropical, inesperadamente, enquanto estava dormindo, *encantou-se* Dona Magdalena Freyre, a mulher que teve a ventura de amar um gênio - Gilberto Freyre, e, de mãos dadas com os filhos Fernando e Sônia Freyre, ser a guardiã de sua memória.

Talvez pouca gente saiba que Dona Magdalena Freyre e seus dois filhos, num gesto muito bonito e numa prova de amor muito grande, abriram mão de tudo quanto Gilberto Freyre - Mestre de todos nós - deixou, como o terreno e a casa do Solar de Apipucos, a biblioteca, os quadros, as honrarias, os direitos autorais dos seus livros, tendo como meta preservar e difundir a memória e o saber daquele que dedicou toda a sua vida à terra natal, recusando até, algumas vezes, cargos importantíssimos mas que o levariam para longe de sua família, de seu Apipucos, de suas pitangueiras, cajueiros e mangueiras e do seu Recife que, ninguém mais do que ele, tanto estudou e, sobretudo, amou com todas as forças do seu coração.

Com o *encantamento* de Dona Magdalena Freyre eu perdi uma grande amiga. Ela nunca deixou de participar das festividades comemorativas do Dia do Folclore, e gostava de ficar conversando com as pessoas, saboreando *suspiros*, fatias de *pé-de-moleque* e de *pão-de-ló*, pedacinhos de *rapadura* e de *nego bom*, nunca esquecendo de tomar um cálice de licor de jenipapo, no final. Agora, com toda a certeza, as festividades do Dia do Folclore não terão a mesma graça, sem a pre-

sença de Dona Magdalena, mordiscando as guloseimas regionais, sorrindo para todos, mostrando sua alegria de viver.

Confesso que não tive coragem de vê-la *encantada*. De um certo tempo para cá, à medida que vou ficando cada vez mais velho, estou perdendo a coragem de me despedir dos amigos que partiram ou que se encontram doentes. Prefiro vê-los sorrindo, cheios de vida. Coisas de velho, acreditem. Pensando assim é que estou lhe dizendo o meu adeus, Dona Magdalena, agora.

E a família?

Que a família é a célula mater da Sociedade, todo mundo já sabe.

E, há muito tempo, os sociólogos, à luz das mais interessantes e mirabolantes teorias, estudam o problema com a intenção de melhor conhecerem as relações existentes entre a família (uma micro-sociedade) e a sociedade (uma macro-família). E qual é a situação atual do binômio família-sociedade, situação que, tanto no presente como no passado se altera, se modifica à medida que os costumes sofrem constantes alterações e mudanças, inclusive as de ordem econômica?

Sabemos que, quando a vida era muito mais fácil e a população de cada país era menor, não constava do vocabulário corrente a palavra inflação, e nas famílias, compostas por casais unidos à sombra da lei e da religião, o número de filhos era muito maior. Os casais — evitar filhos era e ainda é pecado de acordo com a religião católica — tinham, em média, de cinco a quinze filhos, média que flutuava ora para maior, ora para menor quantidade de filhos.

Mas, nos dias em que vivemos, com a população aumentando, com a inflação que provocou uma crise enorme não somente na vida econômica do país como na de todo mundo, mudou muita coisa. E quais são as causas dessa mudança? O custo de vida é uma das principais, porque os pais de família, além de dois ou três filhos, não tem condições de alimentar, educar, vestir os filhos, como acontecia antigamente. Surge,

então, uma pergunta: - Por que os casais pobres sempre têm mais filhos do que os da classe média ou rica? Será que ainda a força da religião (os pobres são mais religiosos do que os ricos ou remediados) é a causa das proles mais numerosas entre os mais desafortunados?

Há um desequilíbrio enorme na vida econômica dos casais pobres, com maior número de filhos. A alimentação, a instrução, a roupa que os pais pobres proporcionam aos seus filhos, deixam muito a desejar. E, no que se refere à educação e à saúde é o que vemos todos os dias: a falta de escolas, de médicos bem mais bem pagos, de remédios e de outras coisas que os pais não podem nem pensar em dar a seus filhos.

Resumindo, aumenta o número de filhos entre casais pobres e diminui entre os casais da classe média e rica. Os pais da classe média, mesmo trabalhando o marido e a mulher, não dispõem de meios e nem de tempo para sustentar e cuidar de uma família numerosa. E os casais ricos, por que têm tão poucos filhos? Será porque a maternidade gasta o corpo e a beleza das mães?

Será porque consomem seu tempo nos salões de beleza, nas festas, nas recepções, próprias da vida social que são obrigadas a ter? Será porque um marido rico, com um bom dinheiro no bolso, poderá ter suas aventuras à medida que suas mulheres perdem o viço da mocidade, ficando em casa, cuidando dos filhos? As esposas ricas têm que manter a forma às custas de cosméticos e de ginástica, para não ficarem à margem da vida, abandonadas, com tanta mulher moça e bonita por aí dando sopa, trocando a mocidade por jantares, presentes, noitadas alegres.

Mas o que está causando uma preocupação cada vez maior é que muitas jovens, principalmente nos grandes centros, não querem nem ouvir falar em casamento. Têm seu trabalho, seu carro e, com a liber-

dade que gozam, preferem as *amizades coloridas*, papear e beber chopinhos nos bares, dançar nas boates, tomar banho de mar, quando gostam de mostrar a juventude exuberante de seus corpos tostados de sol. Fico danado da vida com essa vontade que as mulheres-deusas capazes de gerar vidas nos momentos de amor — têm de se tornar meros objetos sexuais.

Assim, voltando à vaca fria, o que será a família, célula mater da sociedade, nos próximos anos? Uma lembrança do passado? A desagregação da sociedade?



Educação: ontem e hoje

Não sei porque alguns leitores pensam que sou um poço de sabedoria, que sei de tudo quanto eles querem saber. Quando as indagações se referem à área do Folclore, ainda procuro dar um jeito, mostrar o caminho a ser percorrido, orientar. Ainda outro dia quiseram saber a minha opinião sobre a fidelidade conjugal e eu fiquei num aperto danado. Mas depois de muito matutar, dei minha opinião buscando auxílio na sabedoria popular.

Agora, uma universitária matonense quer saber o que penso sobre a educação brasileira, como ela é ministrada nos colégios e universidades. Confesso - cara leitora - que nada entendo de educação. Apenas fui, durante mais de uma década, inspetor federal de ensino.

Fui professor em colégios e diretor de um ginásio, mas fui estudante e, como tal, sofri, na pele, a desarrumação e a confusão que envolvem o problema da educação entre nós.

Fui, de 1930 a 1937, aluno do Colégio Marista, no tempo do Irmão Pacômio, do Irmão Leão e de tantos outros que moram na minha saudade, como o professor de canto orfeônico Miguel Barkokebas: "Sê forte, forte como a rocha, que o mar não pode abalar", e Clodoaldo de Oliveira, professor de português. As aulas estavam divididas em dois períodos: das 8:00 às 11:30 e das 12:30 às 15:30 horas.

No Marista no meu tempo - e Hildeberto Buarque

de Macedo não me deixa mentir - os alunos não eram argüidos pela ordem numérica nem alfabética das cadernetas de classe, mas ao bel prazer do professor. Ninguém sabia quando seria argüido. E quem não soubesse da lição ficaria na *banca* e só ia pra casa quando "desse" a lição não sabida.

A quantidade de disciplinas ou matérias é que era (não sei se ainda hoje continua sendo) enorme. Eu me lembro que na quarta série ginásial estudávamos dez matérias, entre as quais quatro línguas: português, latim, inglês e francês. Imaginem como as quatro gramáticas se confundiam na cabeça da gente, de mistura, ainda, com física, química, história geral e do Brasil, geografia, história natural, desenho, além de religião, canto orfeônico e educação física. Minha cabeça começava a ferver e eu não conseguia assimilar mais nada. Misturava as quatro gramáticas, as declinações latinas, os gases, os fatos históricos, as leis de física, pi ($\pi = 3,1416$; será que me lembro ?). Resultado: terminei o curso ginásial com uma gama confusa de conhecimentos ecléticos mas sem nenhuma consistência, sem a menor profundidade.

O mal do sistema educacional brasileiro reside nos programas, na quantidade enorme de ciência que o aluno é obrigado a estudar, sem que tenha a curiosidade e o gosto de fazê-lo, tendo em vista a profissão que deseja abraçar. Digam-me por que um estudante ginásial que pretenda estudar Direito tenha que percorrer os caminhos tortuosos e difíceis da matemática, da química, da física e de outras matérias, cujos programas, de tão extensos que são, nunca conseguem ser explicados porque o tempo não dá? Tudo faz crer que, com tantas matérias, os alunos estejam fazendo um curso para sábios e não para alguma futura profissão liberal.

A solução seria, a meu ver, a elaboração de um programa mais simplificado do curso ginásial, seguido

de um curso científico e outro clássico para que os alunos pudessem melhor se adaptar, situando-se dentro de suas aptidões vocacionais, cada um segundo seu destino desde o curso ginásial. O que não aconteceu no meu tempo de estudante (não sei se o problema continua o mesmo) onde o aluno terminava o curso ginásial sabendo um pouco do muito, tudo misturado e confuso, transformando a cabeça da gente numa espécie de Torre de Babel. Que me desculpem os entendidos no assunto por esta minha intromissão num mundo muito pouco meu conhecido, do qual fui uma vítima. Mas, eu tinha que atender à indagação da minha leitora matonense, prestando este depoimento.



Era o Capioto, em pessoa

Dizem os mais antigos que no começo do mundo a roda era quadrada, mas de tanto atritar seus ângulos de encontro ao solo irregular, ela foi ficando redonda, como ainda é até hoje. O transporte de pessoas e produtos agrícolas era todo feito no lombo de bois e cavalos. E como os animais não pudessem transportar coisas mais pesadas, os homens fizeram uma caixa de madeira, sem tampa, colocaram-na sobre duas rodas, atrelando-a a bois ou cavalos. Foi assim que nasceu a primeira carroça que ainda hoje continua existindo até ninguém sabe quando, apesar das mais avançadas inovações na área do transporte. A partir de então, tudo ficou fácil. Inventaram, em seguida, o *carro de boi*, o *cabriolé*, a *caleça*, a *diligência* que era o ônibus de antigamente, o *bonde de burro*, a bicicleta. Foi aí que Henry Ford começou a fabricar os seus conhecidos *fords de bigode*, hoje peças de museu, depois da invenção do motor à explosão.

Apareceram, assim, os primeiros automóveis, usados somente pelas pessoas de posse, enchendo as ruas de barulho e de fumaça, dando os primeiros passos na história da poluição do ar. E foi preciso que o homem passasse quase um século poluindo o ar, fazendo com que todos nós respirássemos o venenoso monóxido de carbono, para que começasse a pensar no carro elétrico, à bateria, ainda hoje de pequeno tamanho e de irrisória autonomia, mas tudo fazendo crer

que seja este o carro do futuro. Foi pensando nessas coisas que eu me lembrei da história da chegada do primeiro *ford de bigode* na cidade de Bom Jardim (PE), adquirido pelo coronel Joaquim Gonçalves da Costa Lima, chefe político local, homem tão rico que, quando morreu, o inventário de seus bens atingiu a soma de cem contos de réis, incluindo dois sobrados que ele tinha na Rua Imperial, aqui, no Recife. A história foi contada por meu pai, com todos os detalhes.

O *bicho* chegou de noite, com seus dois olhos de fogo, buzinando, andando sozinho, fazendo um barulho danado. E o povo, por onde o *bicho* passava, se ajoelhava, fazendo o sinal da cruz repetidas vezes, pensando que fosse o diabo que tivesse chegando no lugar. Estabeleceu-se um verdadeiro pânico na cidade. As mulheres tinham *chilique*, choravam, pedindo a proteção dos santos de sua devoção.

Muitos deixaram seus haveres, pegaram a mulher e os filhos e caíram no oco do mundo, numa correria que ninguém sabe onde foram parar. Foi preciso que o padre e o delegado explicassem que *ford de bigode* não era o Capiroto, para que tudo voltasse às boas.

Legendas de caminhão

Através das legendas que os caminhoneiros fazem gravar no pára-choque de seus veículos está bem visível uma sabedoria própria do povo, do povo que nunca alisou os bancos da escola, mas que, com sua experiência, com sua vivência, tem uma filosofia somente aprendida na universidade da vida.

Sobre o assunto, alguns estudiosos já escreveram excelentes trabalhos como os de Marcos Vilaça e Mauro Almeida, além de inúmeras teses de mestrado defendidas nas faculdades e que, infelizmente, ainda não foram publicadas. Vez por outra os jornalistas escrevem interessantes reportagens sobre o assunto, dando às legendas de caminhão os mais diferentes enfoques, mostrando aos seus leitores como o povo, por incrível que pareça, é sábio na sua ignorância, como o povo é rico na sua pobreza e como o povo sabe ser grande na sua humildade.

Há caminhoneiros românticos, mas há também os revoltados, os descrentes, os desiludidos com as mulheres, com a humanidade, com a vida, curtindo suas *dores de cotovelo*, transmitindo aos leitores de suas legendas, mesmo assim, a beleza da vida, o amor ao próximo, a magia do amor:

De tanto pensar em você, sinto saudade de mim.
Só por amor vale a vida.
A saudade é a terrível presença de uma ausência.
No temporal da vida mais sofre quem se apavora.
Não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho.

Boca que tanto beijei hoje me nega um sorriso.
Todos têm amor mas poucos sabem amar.
Mulher é como futebol: quanto mais pelada mais animada é a torcida.
A única mulher que *andava na linha* o trem pegou.
Não mando minha sogra para o inferno porque tenho pena do Diabo.
Mulher é como remédio, que se agita antes de usar.
Todo broto dá galho.
Mulher é como relógio: deu o primeiro defeito nunca mais presta.
Mulher é como abelha. Ou dá mel ou ferroadada.
Estrada reta e mulher sem curvas, só dá é sono.
Mulher feia é como jumento, que só o dono é quem procura.
No dia em que chover mulher, quero uma goteira na minha cama.
Mulher é como índio. Quando se pinta é porque quer briga.
Não temos feijão, mas o Brasil é campeão.
Se ferradura desse sorte, burro não puxava carroça.
Mini-saia é como cerca de arame farpado. Protege a propriedade sem prejudicar a visão.
No baralho da vida só encontrei uma dama.
Seja a solução e não o problema.
Quem esquentava a cabeça é palito de fósforo.
Quem dá cartaz à trouxa é lavadeira.
Se seios fossem buzinas ninguém dormia de noite.
Viúva é como lenha verde: chora, mas pega fogo.
Viajando com Deus ganho o pão de cada dia.
A saudade é a companheira de quem não tem companhia.

Assim é o nordestino que, mesmo desassistido, abandonado, diminuído, ainda tem, além da coragem e da garra para enfrentar os mais diferentes problemas, a criatividade e a filosofia para viver no seu mundo tão adverso.

Letra de médico

Quando comecei a freqüentar a escola da professora Josefa Coleta de Albuquerque - a Profª Santinha, como era conhecida lá em Bom Jardim (PE) - e já estava desenhando as minhas primeiras garatujas, passei a estudar caligrafia nos cadernos de capa verde, com a minha pena que escrevia fino de baixo para cima e escrevia grosso de cima para baixo. Depois, no Colégio Marista, no curso primário, continuei aprimorando a minha letra, o que só deixei de fazer quando fiz o curso de admissão ao ginásio.

Para continuar melhorando a letra dos alunos e também para fazer com que escrevessem com mais agilidade, era costume no Colégio Marista do meu tempo (1930-1937), quando a gente fazia qualquer coisa errada, receber, como castigo, a incumbência de escrever, na banca da tarde ou até mesmo em casa, de cem até quinhentas linhas, pena que variava de conformidade com a falta cometida. Mas, mesmo assim, alguns alunos nunca conseguiam escrever com legibilidade. A letra era ruim, ruim de nascença como se diz. Tão ruim que o povo, na sua sabedoria, vaticinava: "Esse menino quando crescer vai ser um grande médico... Olha a letra dele!"

Escrever bonitinho, redondinho, as letras cheias de pernas e de enfeites era coisa de mulher, filosofava o secular machismo. E triste de quem tivesse uma letra assim, boa, legível. No mínimo pairava sobre seu comportamento sexual uma dúvida que punha em jogo

sua masculinidade. Escrever duro, seco, cheio de garanchos e sem estética, era coisa de homem. De homem de verdade.

Meu pai tinha uma letra horrível. Sua caligrafia era tão incompreensível que, certa feita, escreveu para um amigo residente numa fazenda situada nas vizinhanças da cidade, a propósito de não sei de quê. Passados dois ou três dias, o cidadão botou a sela no cavalo e veio bater lá em casa, com a carta na mão, depois de haver tentado várias vezes, ele, a mulher e os filhos, decifrar a carta, sem resultado. Para encurtar a história, nem ele, e nem mesmo meu pai, o autor da carta, conseguiram ler a mensagem.

A humanidade está passando por uma transformação muito grande. Uma transformação resultante da tecnologia que está modificando tudo. Nas primeiras décadas deste século era normal encontrar nos classificados dos jornais da época anúncios que diziam mais ou menos assim: "Precisa-se de rapaz de bons costumes e que tenha uma boa caligrafia para exercer suas funções de amanuense ou de escrevente, etc". Ter uma boa letra era condição indispensável para se conseguir um bom emprego.

Com o aparecimento das primeiras máquinas de datilografia, a tecnologia acabou com a exigência de se ter uma boa letra para conseguir trabalho. Agora, era preciso ser um bom datilógrafo, bater tantos caracteres por minuto. Uma nova modificação veio acabar com os bons datilógrafos que, por sorte, passaram a exercer outro tipo de trabalho, qual seja, o de digitadores nos modernos computadores gerados por uma tecnologia que invadiu e dominou todos os setores das atividades humanas. A verdade é que a evolução dos que se profissionalizaram através da palavra escrita está se processando cada vez mais vertiginosamente. Dos monges copistas aos datilógrafos o espaço de tempo é enorme, muitas vezes secular. Já o espaço

existente entre o datilógrafo e o digitador é de poucas décadas. Será que o próximo passo da tecnologia é a invenção da máquina que escreve mediante o impulso da voz humana? Será que a caligrafia vai desaparecer? Ninguém sabe. Os que viverem, verão.

Voltando à vaca fria, a classe que tem a letra pior é a dos médicos. Os médicos têm a letra tão ruim, tão ruim, que alguns já estão escrevendo suas receitas em máquinas de escrever e computadores portáteis. Que tal se as faculdades de medicina fizessem constar de seu curso a caligrafia como disciplina complementar? Pelo menos os balconistas das farmácias não venderiam remédios errados, um perigo para a saúde e até mesmo para a vida dos que compram medicamentos. A adoção da caligrafia nas faculdades ou a obrigação de os médicos passarem suas receitas devidamente datilografadas, seria outra solução.

Manezinho Araújo: sucesso, saudade e mágoa

Manuel Pereira de Araújo, artisticamente conhecido como Manezinho Araújo, nasceu no dia 27 de setembro de 1910 na cidade do Cabo, Pernambuco. Quando jovem, fazia o Curso de Comércio. Foi em Casa Amarela, subúrbio do Recife, que aprendeu a *embolar* com Severino de Figueiredo Carneiro — Minona (1902-1936) — um dos primeiros divulgadores desse gênero musical sertanejo.

Quando rebentou a revolução de 1930, Manezinho Araújo viajou com um contingente do Exército. Quando o navio já se aproximava do Rio de Janeiro a revolução terminou com a vitória dos liberais. Mas a tropa seguiu até seu destino. Naquela época Manezinho Araújo já era conhecido como cantor de embolada por seus companheiros de farda. Na volta da tropa para o Recife também viajavam no mesmo navio alguns artistas famosos, entre os quais Carmen Miranda, Almirante, Josué de Barros e outros. Foi, então, organizado um *show* a bordo e Manezinho Araújo dele também tomou parte, por insistência de seus companheiros de farda. E a participação do desconhecido cantor foi um verdadeiro sucesso; todos gostaram de suas emboladas, gênero musical pouco conhecido. O sucesso foi tão gran-

de que Josué de Barros prometeu lançá-lo no mundo artístico da então capital do país.⁽¹⁾

Três anos após, incentivado por seu mestre *Minona* e amigos, Manezinho Araújo foi tentar a vida no Rio de Janeiro, onde, em novembro de 1933, gravou, em selo Odeon, seu primeiro RPM que tinha de um lado *A Minha prantaforma* e, do outro, *Se eu fosse interventô*, duas emboladas de sua autoria, procurando satirizar a política e os políticos da época.

Com o sucesso de seu primeiro disco abriram-se as portas para o jovem cantor pernambucano e vieram outras gravações como *Pra onde vai, valente?*, embolada motivada por sua ida, como soldado, para a Cidade Maravilhosa durante a revolução de 1930:

Pra onde vai, valente?
Vou pra linha de frente,

Tava na feira
C'a pistola e um cravinote
O muleque deu um pinote
Me chamou mode brigá.
Pego no meu punhá
Enfio a faca, o sangue pula
Moleque você não bula
Com Mané do Arraiá.
Veio um sordado
C'um boné arrevirado
Com dois oio abuticado
Que só cachorro do má.
Botou-me a mão
Home, me disse, você tá preso
E eu fiquei c'um braço teso
Na cara lhe quis passá.
Pra vadiá
Eu sou caboco bom na briga
Mas só gosto da intriga

Quando encontro especiá.
Dedo do Cão
Moleque bom no gatilho
Se coçou, eu vi o brilho
Atirou pra me pegá.
Ele me atira
Eu me abaixo e a bala passa
E fico achando graça
Do baque que a bala dá.
Pra onde vai, valente?
Vou pra linha de frente.

Todas as composições de Manezinho Araújo, notadamente as emboladas, continuavam a fazer sucesso. Seus discos eram muito vendidos em todo o país e sua música caiu na boca do povo, como também aconteceu com *Cuma é o nome dele?* e o *Caminhão do Coroné*.

E Manezinho Araújo, da noite para o dia, passou a ser um cantor popular. Tão popular que em 1936 participou de um filme de Julien Mandel, *Maria Bonita*, cantando suas emboladas. Sabe-se até que ele foi o primeiro artista brasileiro a gravar *jingles* no Brasil, como o do sabonete *Lifebuoy*. E o *Óleo de Peroba* patrocinou algumas de suas numerosas excursões e programas nas difusoras do país.

Dando continuidade a esse sucesso tão marcante, Manezinho Araújo prosseguiu sua carreira artística cantando e gravando toadas, cocos e principalmente emboladas, sua especialidade, chegando a ser considerado como o *Rei da Embolada*.

Mas Manezinho Araújo não gravou somente composições de sua autoria. Não apenas faziam parte de seu repertório composições de parceria com outros autores, como aconteceu algumas vezes com Manuel Queiroz (*A Festa do Arraiá* — embolada, selo Odeon,

novembro, 1935, *Tome cuidado, Ioiô e Piririguá* — emboladas, selo Odeon, setembro, 1936); com Darci de Oliveira (*Pró eco respondê* — embolada, selo Odeon, maio, 1936); com Francisco Sena (*Arara quebrando o coco* — toada Odeon, novembro, 1936); com José Carlos Burle (*Segura o gato* — embolada, selo Odeon, maio, 1937); com Carlos Navarro (*Eu me ri de escangaiá* — embolada, selo Odeon, novembro, 1937); com Potiguar Paranhos (*Eu piso, mulata* — samba, selo Odeon, abril, 1938); com Frazão (*Nana Roxa* — samba, selo Odeon, julho, 1938); com Felisberto Martins (*Calu, meu bem* — chula, selo Odeon, abril, 1940); com Pachequinho (*Sordado aburrecido* — embolada, selo Odeon, setembro, 1940); com Romualdo Miranda (*Dinheiro novo* — coco, selo Odeon, novembro, 1940); ainda com Felisberto Martins (*Aonde vai a corda e Pega-me ao colo* — marcha, selo Odeon, fevereiro, 1941) e com Antônio Almeida (*Eu não vou no má e Respeito é bom* — toadas, selo Odeon, abril, 1941).

Mesmo sem ser de parceria com outros compositores, Manezinho Araújo além de não se fixar somente na embolada, sua especialidade, também gravou *Um sonbo que durou três dias e Sebastiana* (selo Odeon, janeiro, 1937) — dois frevos-canções dos Irmãos Valença que *abafaram* no carnaval daquele ano; *De fazer admirá* (selo Odeon, maio, 1937) — embolada de Benedito Lacerda; *Pra fazê inconomia* (selo Odeon, abril, 1939) — embolada de René Bittencourt; ABC Iaiá (selo Odeon, outubro, 1939) — coco de Arnaldo Melo; *Dona Carola* (selo Odeon, outubro, 1939) — samba de João da Baiana e Francisco Santos; *Essa mulhé* (selo Odeon, setembro, 1940) — embolada de Manuel Queiroz, também seu parceiro em outras gravações; *Dezessete e setecentos* — *calango* de Luiz Gonzaga e Miguel Lima, “uma de suas interpretações mais memoráveis”.⁽²⁾

A verdade é que depois do sucesso de Manezinho

Araújo cantando e gravando suas emboladas com outros parceiros, alguns compositores passaram também a compor emboladas, gênero musical que exigiu do cantor, muito ritmo e fôlego que nunca faltaram ao cantor pernambucano.

Nos meados da década de 1950, a música nordestina passou a ceder lugar a novos ritmos, muitos deles importados. Desapontado com o ambiente artístico e pressentindo o fim de uma época, Manezinho Araújo despediu-se de seu público em 1954. No espetáculo no Tijuca Tênis Clube, lotou o auditório com 15 mil pessoas. Com a renda resultante, montou em Rio um restaurante, o Cabeça Chata, que permaneceu aberto até 1962, quando se transferiu para São Paulo⁽³⁾. Em 1960, revelou-se um criativo pintor publicitando Como proprietário do Cabeça Chata — talvez o primeiro ou um dos primeiros restaurantes a divulgar a culinária regional nordestina — e como pintor publicitando Manezinho Araújo, desligado da música, continuou a divulgar as comidas e a paisagem social nordestina. Pernambuco, sua terra natal, cantada em *Solado*

Pernambuco:

*Ai, sodade
Eu vou ficar maluco.
Ai, sodade
Me leva pra Pernambuco.*

*Quando eu vim de lá do Norte
Atrás de vida mió,
As moça de Pernambuco
Choraram de fazê dó,
Dizendo todas: Coitado,
O Mané vai dormir só.*

No seu programa *Gente e Coisas do Nordeste*, o escritor, jornalista e radialista paraibano Assis Ângelo, através das ondas da Rádio Atual AM, de São Paulo, num programa que foi ao ar no dia 21 de maio de 1995, divulgou uma entrevista que fez com Manezinho Araújo há alguns anos passados, entrevista na qual o Rei da Embolada conta um pouco de sua vida, ressaltando a mágoa que tem de sua terra, mágoa que recriou numa composição sua que nunca foi gravada:

*Ai, Pernambuco
Tu não te lembras de mim.
Que foi que fiz, Pernambuco,
Pra me tratares assim.*

*Cantando a minha embolada
Fiz versos em teu louvor
Não fui candidato a nada
Não iludi eleitor.*

*O analfabeto sou eu
Que analfabeta baderna
E a culpa não é só minha
Ai, Pernambuco, é mais de quem governa.*

*Se em vez de embolada
Fizesse um partido novo
Sujeito a marmelada
Inclusive roubando o povo.*

*Ai, Pernambuco tu não te lembras de mim.
Que foi que fiz, Pernambuco,
Pra me tratares assim...*

Na referida entrevista, Manezinho Araújo contou que quando visitou a Bahia foi recebido com festa

e quando chegou ao Recife ninguém lhe procurou. E o Rei da Embolada morreu com essa mágoa no peito.

Será que ainda está em tempo de Pernambuco resgatar o valor da arte e o trabalho de Manezinho Araújo, dando-lhe o nome de uma rua (tão bom que fosse em Casa Amarela ...) ou de uma escola? E a cidade do Cabo também não tinha o dever de prestar uma homenagem ao filho que tanto honrou seu berço natal, divulgando a nossa música e a gostosura de nossa culinária, mostrando em suas telas a paisagem humana, as frutas e as coisas do Nordeste?

Nesta estória eu me sinto como o beija-flor que, certa vez, vendo a floresta sendo destruída por um incêndio, batendo suas asinhas delicadas, deu não sei quantas viagens trazendo, em seu bico, apenas gotinhas d'água para apagar o fogaréu. Foi quando o Leão, que é o Rei dos Animais, vendo a trabalhadeira do beija-flor, sorriu e falou:

— Você não está vendo, beija-flor, que as gotinhas d'água que você traz no seu bico não são capazes de apagar o incêndio que está destruindo a nossa floresta?

— Eu sei, meu rei. As gotinhas d'água não são capazes de apagar o incêndio da floresta. Eu estou fazendo apenas a minha parte, o que posso fazer.

E continuou o seu trabalho enquanto força teve. É o que estou fazendo, agora. Apenas a minha parte. O que posso fazer.

BIBLIOGRAFIA

1. SANTOS, Alcino; BARBALHO, Grácio; SEVERIANO, Jairo e AZEVEDO M. A. de. *Discografia Brasileira/ 78 rpm (1902-1964)*. Rio de Janeiro, 1982.
2. *Nova História da Música Popular Brasileira: Manezinho Araújo e os nordestinos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
3. ÂNGELO, Assis. *Gente e Coisas do Nordeste*. Programa radiofônico. Rádio Atual, São Paulo, 21 de maio de 1995.

Mulher, cachaça, terra

Encontrei, outro dia, José de Oliveira, meu amigo lá da Vila do Conde, em Portugal. Ele estava maravilhado com o carnaval brasileiro. Com os clubes, os blocos, os caboclinhos, as troças, os maracatus, cada um com sua música e suas roupas próprias, misturando o misticismo do índio, a tradição do português e o batuque africano na festa mais colorida, mais bonita e mais popular que nós temos.

O meu amigo português ficou boquiaberto com tudo quanto viu durante os dias consagrados ao Rei Momo. Bateu palmas à inventiva de nossa gente. Louvou a beleza e a graça da mulher brasileira. Teceu os maiores elogios ao nosso povo que, brincando o carnaval, consegue esquecer todos os seus problemas, arquivar todas as suas mágoas, adormecer sua enorme angústia causada não somente pela crise econômica como também por seus inúmeros problemas, muitos deles sem solução.

Mas, o que o impressionou mesmo, de verdade, foi o fato inexplicável de o povão brasileiro conseguir esquecer a miséria em que vive, transformando sua tristeza em alegria, sua angústia em euforia, suas mazelas em saúde, tornando-se alegre, comunicativo e feliz.

Fez também algumas interessantes e felizes observações com referência ao nosso carnaval que, na sua opinião, não deixa de ser, dentro das devidas limitações, uma espécie de exorcismo capaz de expulsar

da mente dos foliões sua miséria, sua angústia e seus outros tantos pesares. "Nunca — disse-me ele — vi ou ouvi alguém, nos diversos países por onde andei, soprar um trompete ou um trombone ou uma requinta com tanta emoção, com tanta alma, quanto faz o músico pernambucano quando está tocando um frevo de rua". Chamou o nosso carnaval de "verdadeiro festival de ritmos, de vez que cada entidade carnavalesca tem seu ritmo próprio, completa e inteiramente diferente dos demais".

Ficou, o meu amigo português, abismado com o elevado número de assassinatos, conforme noticiários da imprensa, baseados nos registros feitos pela Secretaria de Segurança Pública. E por quê tantos homicídios durante o carnaval pernambucano?

Tive que explicar ao meu amigo que, durante trinta anos, fui Promotor de Justiça e advogado no interior e que, por minhas mãos, passaram inúmeros processos criminais com a finalidade de apurar a responsabilidade penal de pessoas que tiraram a vida de outrem pelos mais sérios ou insignificantes motivos. Observei, entretanto, que a quase totalidade dos homicídios tinham como motivação a terra, a cachaça e a mulher.

Acontece que, no bojo de todo ou quase todo processo de homicídio, a motivação já referida é mais do que patente. O homem mata por causa da terra quando estão em dúvida os limites de sua gleba, quando os marcos, fincados no chão, são crimosamente alterados. O homem mata por causa da mulher quando está em jogo sua honra ou a da filha desvirginada. O homem mata por causa de cachaça quando nas bodegas, nos dias de domingo, após uma semana de trabalho duro, procura os companheiros para jogar baralho e tomar uns tragos. Sabido é que a cachaça provoca nas pessoas as mais diferentes reações. Uns, quando abusam da *água-que-passarinho-não-bebe*, ficam tris-

tes e choram e se maldizem. Outros, ficam alegres, riem, ficam eufóricos. Mas os piores bêbados são os que ficam *brabos*, agressivos, provocando assim, brigas que, na maioria das vezes, enchem de cruzeiros as margens das estradas.

No carnaval, a cachaça também é responsável pelos homicídios e acidentes de trânsito, principalmente quando ingerida por pessoas que não sabem beber, que não sabem quando é que devem parar de saborear a *azuladinha*. Um gracejo, uma liberdade, um marido ciumento, um namorado machão, e a cachaça, são os ingredientes de um crime mesmo no carnaval, nas ruas, nos clubes, em qualquer lugar.

Não sei se consegui satisfazer a curiosidade do meu amigo José de Oliveira, lá na Vila do Conde, em Portugal.

Outros nomes pouco comuns

Como tenho o costume de fazer constar dos livros que publico o meu endereço completo, continuo a receber, de amigos e leitores espalhados por todo o país, mais nomes próprios pouco comuns, os mais interessantes possíveis.

Um leitor de São Paulo, não identificado, mandou um recorte da revista *Isto É*, edição de 19 de maio deste ano, por meio do qual fiquei sabendo que Fernando Vanucci, apresentador de televisão, numa das viagens que fez a Londres, teve a oportunidade de visitar o Museu Sherlock Holmes, detetive criado por Conan Doyle, consagrado autor de romances policiais. Falando com um funcionário do museu, Vanucci disse que era filho de Sherlok Holmes, o que causou o maior espanto. Para comprovar sua afirmativa teve que mostrar o passaporte, no qual se lia o nome de seu pai, mineiro de Uberaba (MG), falecido em 1986. Os funcionários do museu ficaram boquiabertos. Naturalmente o pai do pai de Vanucci era um leitor apaixonado dos romances policiais de Conan Doyle.

O pesquisador e folclorista José Fernando de Souza, residente aqui mesmo, no Recife, também me enviou o registro de nascimento n- 91.867, feito no Cartório do registro civil da 4ª Zona - Boa Vista, que nos dá notícia do registro feito no dia 16 de janeiro de 1991, de um dos filhos do casal Ricardo Lins Lima e dona Jane de Oliveira Lins, de nome Tchaikovsky Johannsen Adler Pryce Jackman Faier Ludwin Zolman

Hunter Lins, nascido na Maternidade Prof. Oscar Coutinho, às 16h e 15 minutos do dia 11 de janeiro de 1991. Naturalmente os pais não pensaram na dificuldade que ele iria ter quando tivesse de decorar e escrever seu nome na escola. E tem mais: em nenhum documento (título de eleitor, carteira de trabalho, carteira de reservista, etc.) vai caber, na linha apropriada, seu nome tão grande e complicado. E o mesmo pesquisador me prometeu uma xerocópia da identidade de um sócio do clube carnavalesco Madeira do Rosarinho, onde consta seu nome de registro que é Boi dos Aires de tal...

O escritor Gutenberg Costa, de Natal, também me enviou um recorte da *Folha de S. Paulo* (esqueceu de anotar a data da edição), dizendo que dona Felicidade Conceição Bastos, portuguesa de nascimento mas radicada no Brasil há 66 anos, tem um restaurante com seu nome – Restaurante Dona Felicidade – e seus fregueses ficam muito felizes quando estão comendo seus bolinhos de bacalhau que são uma delícia. Mandou outro recorte da *Gazeta do Oeste* (não disse em que cidade o jornal circula e nem a data da publicação), recorte este em que fala do Sr. Francisco Nêgo dos Santos, residente em Caicó (RN), que tem verdadeira obsessão pelo Flamengo, a ponto de registrar seus filhos assim: Flamera, Zicomengo (uma mistura Zico com Flamengo) e Flamozer (uma mistura de flamengo com o jogador Mozer). E ainda diz o pai flamenguista: "Prefiro que batam na minha cara com toda força, mas não admito que difamem o Flamengo". E tem muita raiva de quem for torcedor do Vasco.

A professora e pesquisadora Rúbia Lóssio – que estagia na Fundação Joaquim Nabuco e estuda na Universidade Federal Rural de Pernambuco – ensina na Escola Nossa Senhora das Graças, de Jaboatão dos Guararapes, constatou a presença do aluno Vandame Schwarzenegger numa das classes e, na sua, são seus

alunos os meninos gêmeos Dayvid do Nascimento, ambos registrados com o mesmo nome.

Para terminar (e tenho tantos nomes enviados por amigos e leitores), não poderia esquecer os nomes de Carlos Ronca (Reitor da PUC São Paulo), Morvam Ferrugem (Reitor da Universidade Regional de Campinas) e Mário Papaterra (Promotor de Justiça de São Paulo), nomes que recebi da Anatailde Crêspo, companheira de trabalho na Fundação Joaquim Nabuco.

Primeiro de abril: o Dia da Mentira

Tudo começou em 1564, quando Carlos IX, rei da França, por uma *ordonnance* de Roussillon, Dauphiné, determinou que o ano começasse no dia primeiro de janeiro, no que foi seguido por outros países da Europa. É claro que, no início, a confusão foi geral, de vez que os meios de comunicação ainda eram inexistentes. Não havia rádio, televisão, nem mesmo o jornal, pois a invenção da imprensa, por Gutenberg, só aconteceu muitos anos depois.

Antes de Carlos IX determinar que o dia primeiro de janeiro fosse o começo do ano, este tinha início no dia primeiro de abril, o que resultou ficar conhecido como o Dia da Mentira, por força das brincadeiras feitas com a intenção de provocar hilaridade.

Surgiram, então, as brincadeiras (que os franceses denominavam de *plaisanteries*) em todo mundo, como a da carta que se mandava por um portador destinada a outra pessoa, na qual se lia o seguinte: "Hoje é primeiro de abril. Mande este burro para onde ele quiser ir."

Seria um nunca acabar se fossem aqui, relacionadas as brincadeiras referentes ao primeiro de abril. Até mesmo eram distribuídas cartas convidando amigos para assistirem ao enlace matrimonial de pessoas que nem sequer se conheciam, mencionando a igreja, o dia e a hora em que seria celebrado o suposto casamento.

Vejam os alguns primeiros de abril pregados pela imprensa mundial, conforme relata a revista *Isto É*, de

São Paulo nº 1.488, edição de 8 de abril de 1998: 1) "A África do Sul comprou Moçambique por US\$ 10 bilhões. O anúncio do negócio fora feito na Organização das Nações Unidas pelo presidente sul-africano Nelson Mandela. Deu no jornal *Star*, de Johannesburg; 2) A Rádio Medi, de Tânger, no Marrocos noticiou que o Brasil não iria participar da Copa do Mundo porque o dinheiro da Seleção seria usado na luta contra um incêndio em Roraima; 3) A minúscula república russa Djortostão declarou guerra ao Vaticano. Motivo: arrebatou o título de menor Estado da Europa. Para tanto, ele teria doado seis metros quadrados de seu território a uma república vizinha. Isso tudo de acordo com o jornal *Moscou Times*; 4) Diego Maradona, ex-capitão da seleção argentina de futebol, é o novo técnico da seleção do Vietnã. Deu nos principais jornais vietnamitas; 5) Ao deixar o Senegal, o presidente americano Bill Clinton seria acompanhado de uma comitiva formada pelos primeiros 50 senegaleses que fossem à embaixada para pedir visto de entrada nos EUA. Assim informou o jornal *Le Soleil*, do Senegal. Centenas de senegaleses acreditaram na mentira e correram para a embaixada americana".

Notificando o falecimento de Maurício Fruet, ex-prefeito de Curitiba e ex-deputado federal, a revista *Isto É*, São Paulo, nº 1.510, edição de 9 de setembro de 1998, informou que ele "era considerado o parlamentar mais brincalhão e espirituoso que passara pela Câmara dos Deputados. Um exemplo: convocou uma falsa reunião de todo o secretariado do então governador Roberto Requião no dia 1º de abril de 1990 (havia 15 dias que Requião tomara posse). Os secretários, sem entender nada, passaram toda a madrugada no Palácio Iguazu. De manhã, Fruet fez chegar a informação de que era um trote do Dia da Mentira".

Tudo faz crer que as brincadeiras, originárias das *plaisanteries* francesas, continuem sempre a existir, graças à eternidade das manifestações folclóricas do mundo inteiro.

Reflexões sobre o carnaval

Mais um carnaval que passou; e um dos mais animados que já tivemos notícia. Alguns reparos, entretanto, ainda se fazem necessários no que dizem respeito à maneira de se fazer e de se brincar o carnaval, uma das maiores paixões do povo brasileiro, reparos esses tanto da parte dos poderes públicos como também dos foliões.

Começemos com o carnaval de Olinda, que deu alguns passos no sentido de procurar os caminhos tradicionais. Por ocasião do desfile das *Virgens*, por exemplo, algumas medidas poderiam ser tomadas, de vez que se faz necessária uma regulamentação limitando a potência dos amplificadores dos carros de som que fazem vibrar tudo quanto é vidro nas casas por onde passam e estacionam. É um barulho ensurdecedor que desrespeita e incomoda as pessoas doentes e os recém-nascidos, um barulho tão forte que pode até mesmo causar distúrbios auditivos, tamanha é a poluição que provoca. Ainda com referência aos carros de som, seria interessante que os mesmos divulgassem as músicas carnavalescas de vez que Pernambuco é o único estado da Federação que tem música própria para os festejos do Momo. Dos dez carros de som que passaram por nossa casa apenas um tocou dois *frevos*. Não se trata de bairrismo falso ou verdadeiro, não. Tocar o *frevo* durante os dias de carnaval é uma maneira de se zelar e de se divulgar uma tradição que faz parte de nossa pernambucanidade. E tradição é uma coisa mui-

to importante que se deve ensinar às pessoas quando elas ainda são jovens.

Quem participou do carnaval de Olinda ou acompanhou a animação do povo através das estações de televisão, deve ter notado a falta de respeito às crianças e às famílias à moral e aos bons costumes. Apareceu um cidadão empunhando um pênis enorme de plástico, com um pequeno cartaz no qual se lia *A Super-Rola*. Outro, também, empunhando um pênis de pano e que procurava abraçar as moças, enrolando-as com o dito cujo. Um grupo de cinco ou seis moças fantasiadas de noivas, com véu, grinalda, capela e *bouquet*, no meio do qual colocaram um pênis de tamanho normal. E os blocos? Alguns apelaram para a baixaria ou adotaram títulos de duplo sentido, como o *Segura a Coisa*, *Mole não Entra*, *Fudidos mas Unidos*, *A Mulher na Vara*, entre outros. Liberdade é uma palavra muito bonita e que se escreve com o sangue dos heróis nos campos de batalha. Os poderes públicos deviam olhar tais fantasias, tais blocos ou grupos, não permitindo que os mesmos desfilassem assim, envergonhando os que zelam por suas famílias, por seus filhos ainda crianças ou, mesmo, adolescentes.

Achei interessante a idéia que um cidadão teve de instalar uma *xixiteria*, com seis sanitários, cobrando cinquenta centavos por seu uso. Quando os foliões estão bebendo suas cervejas (um diurético para valer), claro que precisam de um lugar onde possam *descervejar* e não acontecer como já é costume fazer-se, na cidade alta, onde já existe o Beco do Mijo, no qual os foliões *tiram água do joelho*, o que significa uma fedentina horrível que dura muitos dias. Daí um apelo que faço à Prefeitura de Olinda, que tudo fez para que o carnaval do nosso burgo fosse um dos mais animados, as ruas iluminadas e com uma decoração impecável: que construa no lugar certo, uma ou mais *xixiterias* (uma para homens e outra para mulheres),

um melhoramento saudável que irá preencher uma lacuna na cidade que é Patrimônio da Humanidade e que recebe, durante o carnaval, milhares de turistas saídos dos quatro cantos do mundo.

O carnaval do Recife, com uma decoração das mais bonitas que já vi, já foi muito animado, procurando zelar e divulgar manifestações folclóricas de muita tradição, como maracatus, caboclinhos etc. No bairro do Recife, hoje transformado em atração turística, tivemos um mergulho no passado dos nossos velhos carnavais: o corso, com confetes e serpentinas, com lindas mulheres sentadas nas capotas arreadas dos automóveis de antanho, quando as referidas capotas eram de pano e não de metal como acontece hoje, por medida de segurança.

Outro reparo que também se faz necessário - confesso que sou contrario à censura quando tolhe os direitos humanos - é sanear as músicas cantadas no carnaval, algumas letras de duplo sentido e outras procurando banalizar o corpo da mulher, falando de sua bundinha, do seu umbigo, de seus peitinhos, de suas coxas. Os autores de tais letras deviam se lembrar de suas mães, de suas irmãs e de suas filhas... Vamos, minha gente, fazer um carnaval mais tradicional, mais sadio e não um festival de peitos e bundas, como escreveu um cronista da *Folha de S. Paulo*; um carnaval que respeite a mulher e que a mulher não seja objeto sexual mas uma deusa capaz de gerar vidas nos momentos de amor.

Respondendo a uma carta

Helena Mondini, da Rua Húria Sertório, 586, de Mogi Mirim, São Paulo, é uma jovem leitora que me escreveu uma carta pedindo "orientação em relação aos contos que, nas horas vagas, sinto prazer em escrever. Orientação no sentido de idéias, formação, palavras e até publicação. Gostaria que soubesse que sou uma jovem com muitas idéias mas com dificuldades em expressá-las, por isso necessito de ajuda".

Sendo você, Helena, uma jovem que pretende seguir sua vocação de escritora de ficção, fiquei com as mãos cheias de dedos porque escrever é próprio de cada pessoa, além de não existir uma boa receita para bem escrever. Acredito que o mais aconselhável seria, na fase em que você se encontra, ler bons livros de contos, dos clássicos aos modernos autores. Acresce, ainda, que cada um escreve de acordo com as palavras usadas no seu universo onde a pessoa vive, de conformidade com a inventiva de cada um.

Para bem escrever é necessário, antes de tudo, ler muito. Ler muito sem se deixar influenciar por nenhum autor. Depois, você deve descobrir sua maneira própria, seu estilo, sua maneira de passar as idéias para o papel. Acontece, Helena, que dos diversos gêneros literários, o conto continua sendo um dos mais difíceis. Dos mais difíceis porque cada autor tem a sua técnica, o seu estilo próprio. E a técnica do conto tem evoluído, tem se modificado através dos séculos.

No começo, o conto tinha início, meio e fim, durante muito tempo. Depois, o fim foi abolido, passou a ser dado mentalmente pelo leitor. O conto pode ser o retrato de um flagrante, de um momento, de uma situação, como se fosse uma fotografia. Exige, que o autor conduza o enredo através dos costumes da região, obedecendo-se sempre a maneira própria do personagem falar. Exemplo: um homem do povo deve falar como fala um homem do povo, sem que os pronomes estejam no devido lugar. O uso de palavras difíceis também não é aconselhável, de vez que a ficção é escrita para o consumo popular e não somente para uma elite.

Como você vê, Helena, escrever é passar para o papel o personagem como ele é e nunca como você desejaria que ele fosse, com seus costumes, seus hábitos na maneira de conduzir o diálogo, tudo muito simples, isto é, tudo da maneira normal, sem ser forçado, imposto, planejado. Assim sendo, leia. Leia muito e, não esqueça, não se deixe influenciar por nenhum autor. Procure ser você mesma, com sua identidade, com suas palavras, com sua maneira de ser e de falar. E escreva, escreva muito, sem pensar, no momento, em publicar.

Mas quando tiver alguns contos de sua predileção, mostre-os aos seus familiares, aos seus amigos e, depois a uma pessoa que escreva. Não se incomode se alguém criticar alguma coisa. Aceite a crítica com humildade, perseverando sempre no seu propósito de escrever, que é o seu sonho, sua vontade, sua vocação. Amadureça. Não sei quem foi que disse que os jovens só são capazes de escrever bonitos e bons poemas porque eles sonham, são românticos e vivem entrosados com outros jovens, sonhando com os olhos abertos. Não sei até onde isso é verdade. Pode ser uma verdade completa ou incompleta, mas pense nisso. E você já escreveu algum poema?

Outro detalhe, Helena: não seria melhor se você ouvisse a opinião de um contista? Eu comecei minha vida de escritor rabiscando poemas e contos. Mas já faz muito tempo. Espero que estas minhas palavras tenham alguma utilidade para você. E que você consiga ser uma boa escritora, são os meus votos.

Sobre a identidade brasileira

Todo povo tem que ter sua identidade. Falar uma língua que se enriqueça cada dia que passa. Escrever, com o sangue de seus heróis, as páginas de sua História. Professar uma fé capaz de gerar forças nos momentos mais difíceis. Ter e conservar seus costumes, suas tradições cada vez mais legítimas, mais autênticas. Prestigiar e respeitar suas manifestações folclóricas, sem as quais não terá raízes capazes de sustentar sua identidade, sua sobrevivência. Ter uma constituição, cantar suas cantigas. Ser livre, respeitando e amando a liberdade.

E a identidade brasileira, como é que anda hoje?

A nossa língua, de um riquíssimo passado literário, cada vez mais é vítima dos mais desnecessários estrangeirismos. Mesmo tendo as nossas palavras, são usadas palavras de outras línguas significando a mesmíssima coisa.

Os heróis de nossa História — heróis que deram sua vida pela independência e liberdade de todos nós — estão sendo criminosamente esquecidos e substituídos na mente dos jovens pelos Rambos, pelos Jaspions e pelos He-Men impingidos pela televisão e revistas em quadrinhos. Será que ainda se ensina civismo nas escolas? Quantos brasileiros sabem cantar o Hino Nacional?

A nossa fé anda muito repartida, muito sub-di-

vidida e hoje quase ninguém acredita mais em nada, principalmente nas cidades grandes, onde a vida está muito dura, agressiva, violenta, onde ninguém mais olha para o céu e se lembra de Deus. Parece-me que um dos deuses da cidade grande é o dinheiro, cada dia mais difícil de se ganhar e que, na maioria dos casos, mal dá para o povo não morrer de fome.

Os costumes, por sua vez, estão completamente modificados. É que outras – ainda mais cruas e mais duras – são as regras da moral. Há uma crise de caráter, de honestidade. A maioria das pessoas só pensa em ganhar dinheiro, cada vez mais, e, para tal, todos os caminhos parecem válidos. Já se foi o tempo em que um fio de barba era capaz de garantir uma dívida. Hoje, muitas notas promissórias, trazendo a assinatura não somente do devedor como também do avalista, são pagas na *marra*, na justiça, mediante ação executiva. No comércio, cada mercadoria tem mil preços que variam de conformidade com a ganância dos comerciantes, com as devidas exceções, é claro.

E a música popular brasileira, como é que vai? Todo mundo sabe que a MPB é das mais ricas do mundo inteiro, considerando a beleza melódica e o número de gêneros musicais que nós temos, do *samba* à *marcha*, do *choro* ao *maxixe*, do *frevo* (de rua, de bloco, canção) à *bossa nova*, do *baião* ao *maracatu*. E que vemos? As AMs e FMs tocando *rock* quase o dia todo, *rock* brasileiro e *rock* estrangeiro. Claro que vivemos num país democrático e todos nós temos o direito de gostar de qualquer gênero musical. Mas é preciso que nossa música seja valorizada, tocada, cantada e ouvida, porque a nossa música é uma das características de nossa identidade. E o que dizer das letras de duplo sentido que, através do rádio e da televisão, entram em nossas casas sem pedir licença, diminuindo, assim, o peso e o valor de tantas outras letras que imortalizaram tantas composições musicais brasileiras? Por

que o sexo – que é normal e é saudável na vida de todas as pessoas – é usado de maneira tão destorcida nas letras de tantas músicas?

Até mesmo o dinheiro – a cédula, a nota – está contribuindo para a perda da identidade brasileira. Os rombos, os desfalques, os desvios de verbas, os prejuízos agrícolas, o valor da safra de grãos e outras notícias que envolvam dinheiro não são mais medidas, pela Imprensa brasileira, em cruzados, mas em dólares, como se o dólar fosse a unidade monetária nacional. As cédulas de cinquenta cruzados novos são quase do mesmo tamanho das de dólar. Nelas está escrito: “Deus seja louvado”. E eu sugiro que por este e outros motivos nas próximas cédulas também conste: “E tende piedade de nós”.

Sogra faladeira, braba etc

Recebi outro dia uma carta do Sr. Crisóstomo Pereira de Aguiar (não menciono o endereço e, confesso, não sei se este é seu verdadeiro nome), daqui, do Recife, dizendo que sua sogra não pára de falar o dia todo, é braba que nem uma *capota choca* e, que teima em não sair de sua casa, onde mora desde o dia em que se casou, mesmo dispondo de meios suficientes para alugar um apartamento e deixá-lo em paz. Pede-me uma orientação e quer saber o que deve fazer para se livrar da sogra, de vez que já esgotou todo os meios, sem conseguir nenhum resultado satisfatório.

Antes de tudo, meu caro leitor, vamos ter que considerar o lado humano e cristão do problema. Pergunto-lhe então: Sua sogra tem idade avançada? Ela é doente? Ela poderia viver sozinha, num apartamento? Será que não haveria outro genro que pudesse ficar uns tempos com ela, dando-lhe um certo descanso justo e merecido? Se sua sogra tiver muitos anos de vida, for doente e não tiver outro genro com quem você possa dividir seu infortúnio, o jeito que tem é você se conformar com sua sorte... Compre uma televisão e bote no quarto dela. Descubra qual a guloseima de sua preferência. Compre -lhe revistas de novelas. Vez por outra traga um presentinho para ela e diga, principalmente na frente de outras pessoas, que ela é a melhor sogra do mundo...

Mas como me pede um remédio para seus ma-

les, aqui vão alguns, encontrados nos meus livros, nas minhas notas, nos meus guardados. Para sua sogra ficar bem mansinha, encontrei esta simpatia que você deve por em prática, caso não consiga aplacar sua bra-beza: Compre uma imagem de Santo Antonio. Chegue por trás de sua sogra, na ponta dos pés, e sem que ela perceba, erga a imagem do santo e diga com muita fé: "Amanse , como amansou o mar!". No dia seguinte, faça a mesma coisa, dizendo duas vezes: "Amanse, como amansou o mar!". Caso não consiga nenhum re-sultado, com o mesmo procedimento, substitua a fra-se por esta outra: "Amanse, como amansou as feras!". Tudo depende de sua fé.

Para sua sogra deixar de falar o dia todo, princi-palmente quando você chega em casa, como se ela houvesse bebido água de chocalho e fosse vacinada com agulha de vitrola, o remédio já é diferente. Faça assim: Abra uma espiga de milho seco sem tirá-la do pé, colha um caroço. Com ele o polegar e o indicador, ande em cruz . Colha em seguida, mais três caroços de pés de milho que cerquem o primeiro pé, andando sempre em forma de cruz. Use uma pequena fogueira para torrar os quatros caroços. Ao torrar, apanhe-os, e tarde da noite, entre no quarto de sua sogra, colocan-do-os debaixo da cama da fera, em forma de cruz. No dia seguinte, a velha já vai se levantar falando pouco, tão pouco que você vai ficar sentindo saudade. Dizem que é um santo remédio. Só não sei como é que se anda em forma de cruz...

Para fazer com que sua sogra vá embora, só é necessário que, durante doze sextas-feiras seguidas você leve uma rosa branca para Nossa Senhora de Santana. Cada dia que for à igreja, coloque a rosa nos pés da santa e reze três padre-nossos e três ave-marias. Tem um porém: Você tem que usar, durante as doze sextas-feiras, a mesma roupa que tem que ser um presente de sua sogra. Cuidado para não fazer como

fez seu colega de infortúnio, funcionário estadual que, depois do jantar , quando estava no terraço em companhia da família, abriu o *Diário Oficial* e comentou:

- É danado! Dona Filó vai ter que nos deixar...
- Mas o que foi que aconteceu, homem de Deus?
- É que o governo baixou uma lei dizendo que toda sogra que morar com o genro fica obrigada a dormir com ele pelo menos uma vez por mês.
- Mas é um absurdo, resmungou a mulher.
- Absurdo coisa nenhuma. Se é lei, cumpra-se!, retrucou a sogra...

Tabu: uma herança muitas vezes milenar

Tratando-se de uma palavra que tem suas raízes na Polinésia, este detalhe de ordem etimológica está muito longe de significar que os habitantes daquela paradisíaca e misteriosa terra perdida na imensidão do Pacífico sejam donos do tabu, um dos símbolos sagrados de sua cultura exótica muitas vezes milenar. Significando "alguma coisa que não podemos definir nunca" e "que escapa, em parte, do nosso sentir de civilizados" Josué de Castro é da opinião de que o tabu polinesiano jamais poderá ser entendido pelos ocidentais, partindo da premissa de que "cada cultura é um mundo fechado ao entendimento de outras culturas".

Outros povos também guardam na sua memória, como herança oral de seus remotos ancestrais, o mesmo inexplicável dogma, usando, uma outra denominação própria na língua de cada um. Assim é que os romanos usavam a palavra *sacer*, os gregos denominavam *agos* e os hebreus chamavam de *kodauch* o que os polinesianos configuravam como tabu. Mas, acontece que esse dogma, essa verdade que transcende a inteligência humana, atualmente ainda existe e é usada, com o mesmo sortilégio, em que quase todas as línguas, participando de muitas culturas na sua grafia original, sem se deixar corroer pela voragem do tempo.

O tabu, um tanto ou quanto sagrado, sobrenatural, indefinível e inexplicável como verdade, já foi e continua sendo estudado á luz das ciências modernas. O brasileiro Josué de Castro (*A Fisiologia dos Tabus*, 1940), Wundt (*Psicologia dos Povos* - trabalho no qual chega à conclusão de que o "tabu" é anterior aos deuses e precede a qulaquer religião"), Gonçalves Fernandes (*O Folclore Mágico do Nordeste*, 1938), Frazer (*Taboo and the Perils of the soul*, 1911), Freud (*Totem und Tabu*, 1922) e muitos outros cientistas de renome já procuraram penetrar no mundo misterioso do tabu, do *faz-mal*, cada qual esposando uma idéia nova, num fulcro científico digno das mais sérias reflexões.

Apesar da complexidade dos estudos sobre o tabu, o assunto ainda não foi de todo esclarecido, elucidado, talvez por envolver culturas e povos diferenciados numa vasta área geográfica que envolve continentes e povos de desiguais níveis culturais, cada qual com seus costumes e tradições que se impactuam. Outro fator que pesa bastante no estudo do tabu em termos universais talvez seja o que diz respeito à diversidade da motivação de ordem religiosa própria de cada gente. A religião tem muito a ver com a presença do tabu nas diversas culturas de mãos dadas com o medo que os povos têm do sobrenatural, do inexplicável, do misterioso, como verdade dogmática.

Um estado de espírito chamado velhice

Sempre admirei os jovens. Nunca deixei de louvar sua participação nos movimentos sócio-políticos, sua maneira de ser e de fazer coisas revolucionárias, renovadoras no mundo da música das letras e das artes. A juventude sempre foi o tempo de sonhar e é sonhando que surgem e amadurecem as grandes idéias capazes de modificar os rumos da história da humanidade.

Só não gosto é de ver como alguns jovens tratam os velhos, do conceito que eles fazem dos idosos, dos que já dobraram o cabo da Boa Esperança. Para esses, os velhos não passam de trastes, de empecilhos, de *resto de feira, bananeira que já deu cacho*. Dizem os mais irreverentes que quem gosta de velho é reumatismo, cadeira de balanço e fila da Previdência Social, esquecendo que a velhice também é um estado de espírito. Tanto é assim que alguns jovens começam a vida já velhos, pensando e agindo como idosos. Esquecem que o homem quando chega à velhice com a mente sã, sua vida não sofre nenhuma solução de continuidade no que diz respeito às suas atividades mais diversificadas.

E a história da humanidade está cheia de exemplos. Aos 70 anos Copérnico explicou como a Terra girava em torno do Sol. Aos 74 anos, Verdi compôs a sua ópera *Otelo* e contava 80 quando compôs *Falstaff*. Aos

75 anos, Miguel Angelo terminou a pintura da Capela Sixtina. Aos 76 anos, o Cardeal Roncalli foi entronizado Papa João XXIII. Aos 81 anos, Benjamim Franklin viabilizou a adoção da constituição dos Estados Unidos. Aos 83, Goethe fez a revisão final de seu livro Fausto. Aos 84 Churchill obteve o segundo mandato de primeiro-ministro. Aos 88 Pablo Casais prosseguia a sua carreira de violoncelista. Aos 88, Frank Balley tinha vencido o seu 2.174º torneio de golfe. Aos 89, Sandro Pertini foi presidente da Itália. Aos 92, Picasso ainda pintava. Aos 98, o grego DimitriosYordanidis correu uma maratona em 7 horas e 33 minutos.

Muitos jovens começaram a exercer suas atividades bastante cedo, foram precoces... Aos cinco anos, o violinista Paganini começou a tocar. Aos seis, Schubert já compunha canções. Aos sete, Chopin compôs a *Polanaise em Sol Menor*. Aos 13, a inglesa Ruth Lawrence formou-se em matemática. Aos 16, Pascal compôs um ensaio sobre as figuras cônicas; aos 19, inventava a máquina de calcular. Aos 19, Laplace já era professor de matemática na Real Escola Militar da França. Aos 21, Lindberg fez o primeiro vôo solitário sobre o Atlântico. Aos 22, William Thompson já era professor de Física na Universidade de Glasgow. Aos 33, Gilberto Freyre escreveu *Casa Grande & Senzala*, livro que revolucionou a sociologia brasileira.

A verdade é que ninguém pode e tem o direito de determinar limites para serem exercidas as atividades próprias do gênero humano. Ninguém pode generalizar nada. Um jovem e um velho são pessoas capazes de descobrir novos horizontes, de semear novas idéias, de travar batalhas, perdendo-as ou ganhando-as. Tudo depende da força de vontade e da garra de cada um.

Uma alemã pesquisando o folclore nordestino

Não sei bem se foi em 1985 que me apareceu, lá na Fundação Joaquim Nabuco, Regina Allgayer-Kaufmann que, no seu português arrevezado me disse que estava chegando da Alemanha com a finalidade de fazer uma pesquisa sobre o aboio do vaqueiro nordestino. Só não caí de surpresa porque me encontrava sentado. De surpresa, porque fiquei estupefato ao tomar conhecimento de que uma pessoa da Europa se interessasse por um assunto tão regionalista e tão nosso e que, dos estudiosos e pesquisadores brasileiros, nunca houvesse merecido a menor atenção.

Fiz, é claro, tudo que estava ao meu alcance no sentido de tornar o seu trabalho mais fácil. Conversamos bastante sobre a área de ação de sua pesquisa, como chegar até lá, meios de transporte, etc. Mas a dificuldade maior foi, sem nenhuma dúvida, a inexistência de uma bibliografia que pudesse ajudá-la na sua tarefa. Regina Allgayer-Kaufmann ficou sem acreditar que um assunto tão interessante não houvesse ainda merecido a atenção dos estudiosos brasileiros do nosso próprio folclore.

Mas a pesquisadora alemã aceitou o desafio. Embrenhou-se no sertão nordestino, sozinha, com muita fé, coragem e vontade de fazer seu trabalho.

Passados dois anos, ela me apareceu novamen-

te com seu livro *O Aboio der Gesang der Vaqueiros in Nordosten Brasiliens*, em dois volumes, editado pelo Verlag der Musikalienhanlung, de Hamburgo. Conforme me disse, no primeiro volume Regina Kaufmann fez uma análise folclórica e musical do aboio do vaqueiro nordestino com depoimentos vários, desenhos, glossário e um mundo de informações sobre o assunto. E no segundo vamos encontrar a musicografia dos aboios com suas letras em alemão e português.

Na segunda viagem ao Brasil, Regina Kaufmann já veio acompanhada do esposo musicista Konrad Kaufmann e dos dois filhos, já com a idéia de fazer outra pesquisa, desta feita sobre as *bandas de pífanos* nordestinas. Ganharam os mundos de Caruaru e outras cidades sertanejas e, algum tempo depois, regressaram à Alemanha com abundante material recolhido.

Recebi, pelo correio, o resultado da segunda pesquisa contido no livro *Kampf des Hundes Mit dem Jaguar*, volume de mais de quinhentas páginas, obedecendo ao mesmo plano de pesquisa anterior, isto é, contendo depoimentos, informações técnicas, musicografia, quarenta partituras, acompanhado de um CD com muitos toques de bandas de *pífanos*, inclusive a célebre *A briga do cachorro com a onça*.

Fico satisfeito em saber que os alemães já tomaram conhecimento do aboio do vaqueiro nordestino e das nossas *bandas de pífano*. Mas também fiquei triste porque muitos brasileiros ainda não souberam apreciar e nem estudar, dois assuntos nossos, tão nordestinos.

Vamos industrializar nossa água-de-coco?

Não tenho nada contra as pessoas que gostam de saborear refrigerantes industrializados cuja propriedade maior é matar a sede nos dias ensolarados do nosso verão tropical. Muito pelo contrário, vez por outra também tomo refrigerante bem gelado que nos dá uma sensação de alívio e bem-estar.

Ninguém sabe, com certeza, a quantidade de refrigerantes consumidos diariamente pelos nossos cento e cinqüenta milhões de habitantes. Mas ignoro a existência de plantações gigantescas de guaraná e de coca capazes de fornecer a matéria prima que se faz necessária para suprir o mercado durante um dia. Será que os frutos do guaraná e as folhas de coca não são naturais e sim sabores produzidos em laboratórios?

Acontece que temos um refrigerante natural que, além de dessedentar, enriquece o nosso organismo em virtude de contar, em sua composição componentes úteis e necessários ao equilíbrio de nossas funções orgânicas. Trata-se da nossa água-de-coco que faz muito bem à saúde por ser diurética, limpando, assim os nossos rins que ficam com melhor desempenho.

Durante a II Grande Guerra Mundial, num dos hospitais americanos perdidos na imensidão do Pacífico, faltou soro fisiológico para socorrer os feridos nas batalhas. Os médicos não tiveram dúvida e substituíram

o soro fisiológico em falta por água-de-coco, no que tiveram excelentes resultados. E qual é a composição da água-de-coco? Rica em potássio e sódio, sem colesterol ou gorduras a água-de-coco é uma verdadeira bebida isotônica natural. Ótima para repor, rapidamente, os líquidos e sais minerais perdidos durante exercícios físicos. Não sei dizer se depois da industrializada tem sua composição química alterada pela inclusão de aditivos e conservantes.

Será que algum industrial pernambucano poderá ter a iniciativa de industrializar a nossa saborosa e nutritiva água-de-coco? Tenho a impressão de que seria um excelente negócio e teria um mercado certo tanto no sul do país como também no exterior, como já acontece com algumas iniciativas, embora tímidas, que estão surgindo. Seria, não resta a menor dúvida, uma nova fonte de divisas e uma frente de trabalho para tantos pernambucanos desempregados. Vamos valorizar o que é nosso, explorando as nossas riquezas e fazendo Pernambuco mais rico.

LIVROS DO AUTOR

01. MEUS POEMAS DIFERENTES. Recife, 1938.
02. ROTEIRO DE BOM JARDIM (com Moacyr Souto Maior). Recife, 1954.
03. COMO NASCE UM CABRA DA PESTE. São Paulo: Arquimedes Edições. 1969; 2ª ed. Recife: Edições Grumete, 1984; 3ª ed. Recife: 20-20 Comunicação e Editora/Fortaleza: Biblioteca O Curumin Sem Nome, 1997; edição em CD, idem, 1997; adaptação teatral, Altimar Pimentel. Recife: 20-20 Comunicação e Editora/Fortaleza: Biblioteca O Curumin Sem Nome, 1997; edição em Vídeo. Cabedelo: BF - Vídeo Produções, 1997.
04. O CICLO. Recife, 1970.
05. CACHAÇA. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970/1971; 2. ed. Brasília: Thesaurus, 1985.
06. ANTÔNIO SILVINO, CAPITÃO DE TRABUCO. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1971.
07. EM TORNO DE UMA POSSÍVEL ETNOGRAFIA DO PÃO. Recife, 1971.
08. DICIONÁRIO FOLCLÓRICO DA CACHAÇA (1ª edição). Recife, 1973; 2ª edição, Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1980; 3ª Edição, Recife : Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1985.
09. A MORTE NA BOCA DO POVO. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
10. NOMES PRÓPRIOS POUCO COMUNS. (1ª e 2ª edições). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974; 3ª ed., Recife, 1992; 4ª ed., Recife: Editora Bagaço, 1996.
11. TERRITÓRIO DA DANAÇÃO (Prêmio Vânia Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras, 1977). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1976.
12. NORDESTE: A INVENTIVA POPULAR (Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Pernambucana de Letras, 1976). Rio de Janeiro: Editora Cátedra/INL, 1978.
13. DICIONÁRIO DO PALAVRÃO E TERMOS AFINS (1ª, 2ª e 3ª edições) Recife: Editora Guararapes Limitada, 1980, (4ª, 5ª, 6ª e 7ª ed.). Rio de Janeiro: Record. 1988/1998.
14. FOLCLORE ROTISMO (1ª e 2ª edições). Recife: Pirata. 1980, 1981.
15. GALALUS E BATORÉS. Recife: Editora Universitária/UFPE, 1981.
16. PAINEL FOLCLÓRICO DO NORDESTE, Recife: Editora Universitária/UFPE, 1981.

17. COMES E BEBES DO NORDESTE (1ª, 2ª e 3ª ed.). Recife: Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco. 1984-1985: 4ª ed., Recife: Bagaço, 1995.
18. MULHERES E RUAS. Recife: Grumete Edições, 1984.
19. SETE ESTÓRIAS SEM REI. Recife: Grumete Edições, 1984.
20. REMÉDIOS POPULARES DO NORDESTE. Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1986.
21. FOLCLORE QUASE SEMPRE. Recife: Grumete, 1986.
22. VELHOS E JOVENS: UMA FOLCLÓRICA RIVALIDADE. Recife: Grumete, 1987.
23. FOLCLORE & ALIMENTAÇÃO (Prêmio Sívio Romero 1979 e Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortazar/1989. Fondo Nacional de Ias Artes. Ministério de Educación y Justicia, Argentina). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988.
24. ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1988 (com W. Valente).
25. ANTOLOGIA DA POESIA POPULAR DE PERNAMBUCO. Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1989 (com W. Valente).
26. ANTOLOGIA DO CARNAVAL DO RECIFE. Recife : Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1991 (com Leonardo Dantas Silva).
27. A LÍNGUA NA BOCA DO POVO. Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1992.
28. SOGRAS: PRÓS & CONTRAS E OUTRAS CONVERSAS. Recife, 1992.
29. O RECIFE: QUATRO SÉCULOS DE SUA PAISAGEM. Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1992 (com Leonardo Dantas Silva).
30. O PUXA-SACO: AQUI, ALI & ACOLÁ. Recife 1993.
31. A PAISAGEM PERNAMBUCANA. Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1993 (com Leonardo Dantas Silva).
32. TRÊS ESTÓRIAS DE DEUS QUANDO FEZ O MUNDO (Folclore infantil). Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1993.
33. RIQUEZA, ALIMENTAÇÃO E FOLCLORE DO COCO, Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1994.
34. GEOGRAFIA VOCABULAR DO PAU ATRAVÉS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1994.
35. A MULHER E O HOMEM NA SABEDORIA POPULAR. Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1994.
36. A MULHER QUE ENGANOU O DIABO (infantil). Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1994.

37. AS DOBRAS DO TEMPO: QUASE MEMÓRIAS. Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1995.
38. O HOMEM E O TEMPO. Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1995.
39. BRASIL X PORTUGAL: AQUELE ABRAÇO. Recife: 20-20/ Comunicação e Editora, 1995.
40. FOLCLORE, ETC & TAL. Recife: 20-20/Comunicação e Editora, 1995.
41. OS MISTÉRIOS DO FAZ-MAL. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1996.
42. FREI DAMIÃO: UM SANTO? Recife: Editora Massangana/ Fundação Joaquim Nabuco, 1998.
43. ORAÇÕES QUE O POVO REZA. São Paulo: Editora IBRASA, 1998.
44. PEDRO E SEUS MIL CARNEIRINHOS. Recife, 1999.
45. CANGAÇO: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999 (com Lúcia Gaspar).
46. PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999. (com Lúcia Gaspar).
47. DICIONÁRIO DE FOLCLORISTAS BRASILEIROS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.
48. A MOÇA QUE CASOU COM UMA COBRA (Infantil). Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999.
49. BIBLIOGRAFIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE. Recife: Editora Massangana/ Fundação Joaquim Nabuco, 1999.
50. UM MENINO CHAMADO GILBERTO FREYRE. Recife: Fundação Gilberto Freyre/Elógica, 1999.
51. UM MENINO CHAMADO HÉLDER CÂMARA. Recife: Fundação Gilberto Freyre/BCP Telecomunicações, 1999.
52. UM MENINO CHAMADO JOAQUIM NABUCO. Recife: Fundação Gilberto Freyre/BCP Telecomunicações, 2000.
53. O PAPAGAIO E A MENINA. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 2000.
54. UM MENINO CHAMADO CAPIBA. Recife : Fundação Gilberto Freyre/BCP Telecomunicações, 2000.
55. JOÃO MARTINS DE ATHAYDE (Introdução e seleção). São Paulo: Editora Hedra, 2000.
56. FREI DAMIÃO: ALGUMAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 2000 (com Gutenberg Costa).
57. ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE (2º VOL.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2000
58. UMA MENINA CHAMADA MAGDALENA FREYRE. Recife: Fundação Gilberto Freyre/BCP Telecomunicações, 2001.
59. UM MENINO CHAMADO JORGE AMADO. Recife: Fundação Gilberto Freyre/BCP Telecomunicações, 2001

A SAIR

- MENTIRA (com Manuel Correia de Andrade, Getúlio Araújo e Renato Phaelante)
- A ADIVINHAÇÃO NO IMAGINÁRIO POPULAR
- ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE (com W. Valente), 2º vol.
- O CARNAVAL: TEXTOS, IMAGENS & SONS (com Fernando Spencer e Renato Phaelante)
- QUAL É A SUA GRAÇA?
- DICIONÁRIO DE FOLCLORE PARA ESTUDANTES (com Rúbia Lóssio)
- UM SÉCULO DE PESQUISA EM CORDEL (Com Joseph M. Luyten)
- DICIONÁRIO BIO-BIBLIOGRÁFICO DE FOLCLORISTAS PERNAMBUCANOS (com Roberto Benjamin)
- UM MENINO CHAMADO ASSIS CHATEAUBRIAND
- UM MENINO CHAMADO DELMIRO GOUVEIA
- UM MENINO CHAMADO MONTEIRO LOBATO
- UM MENINO CHAMADO RUI BARBOSA
- UM MENINO CHAMADO CÍCERO ROMÃO BATISTA
- UM MENINO CHAMADO LUÍS DA CÂMARA CASCU DO

EDIÇÃO DO AUTOR

Este livro foi impresso
na oficina da
EDITORA KELPS (62) 211-1616,
paginado numa estação gráfica
AMD K-6 II 400
usando fonte Vedana
operado por
MARCOS DIGUES



A revisão desta obra é de total e única
responsabilidade do autor.

Apoio Cultural:



